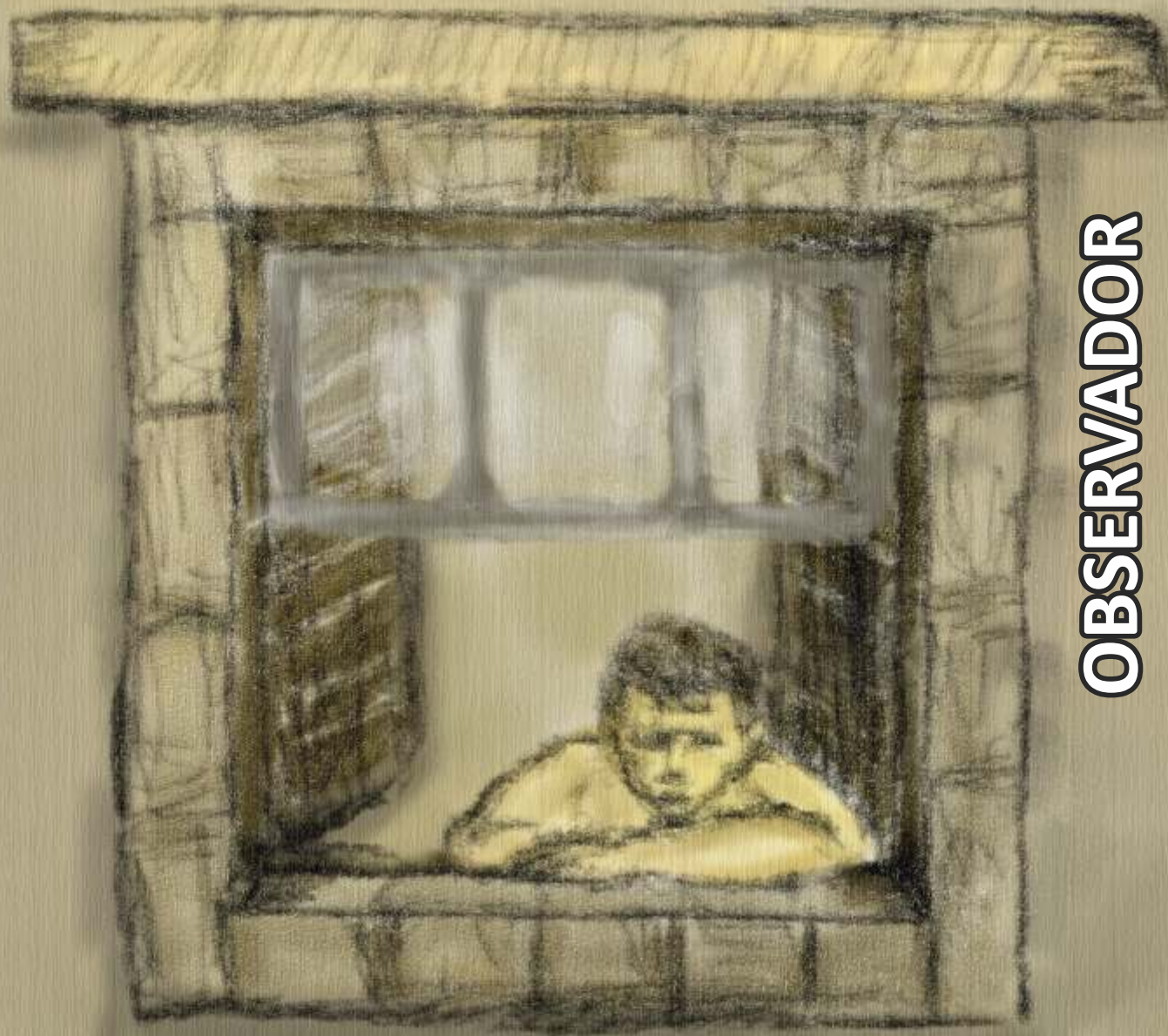


O Velho Menino e o Poeta Criança

Poemas e Ilustrações: Mário Joaroni





OBSERVADOR

Menino sentado à janela
O que do mundo tu vês?
A estreiteza da viela,
O trânsito em rapidez?

Em torno à tua vista
Os detalhes comezinhos
Seguem os carros pela pista
E o murmúrio dos vizinhos

Aprendas com os rebuliços
E os tons da realidade
Que trazem aos olhos noviços
Uma porção da imensidade

Do jeito que espiamos para fora
De fora trazemos ao centro
Verdades de ontem e de agora
Que saem ou vêm para dentro

O TEMPO

Cai de gota em gota
A água do velho chuveiro
De onde será que ela brota,
Do teto ou do chão do banheiro?

Esvoaça remendada no ar
A cortina agitada ao vento
Cansou de no mastro ficar
Sempre em igual movimento

Range a porta de madeira
Deixando a insônia irritada
Faz barulho a noite inteira
Feito pobre, rejeitada ...

Marcando cada segundo
O velho ponteiro não cessa
Apressa a hora do mundo
Ou o mundo que nos apressa?



PESSOINHAS

Não me importa se rico ou pobre,
Preto, pardo, amarelo, cinzento,
Feio, belo, branco ou ocre,
Perfumado ou xexelento.

Se nasceu nessa morada
Esse lugar que é comum
Nunca seja abandonado
Ninguém é apenas mais um!

Cada qual com seus trejeitos
A todos, iguais direitos ...
À mesma sina estão sujeitos:
Sonhos vividos ou desfeitos.



O C U P A D O

Caminhar, correr, pisar no chão
Escorregar, se sujar, rolar bolinhas
Traquinagens: pipas com cerol, NÃO!
Fugir das brigas e das ervas daninhas...

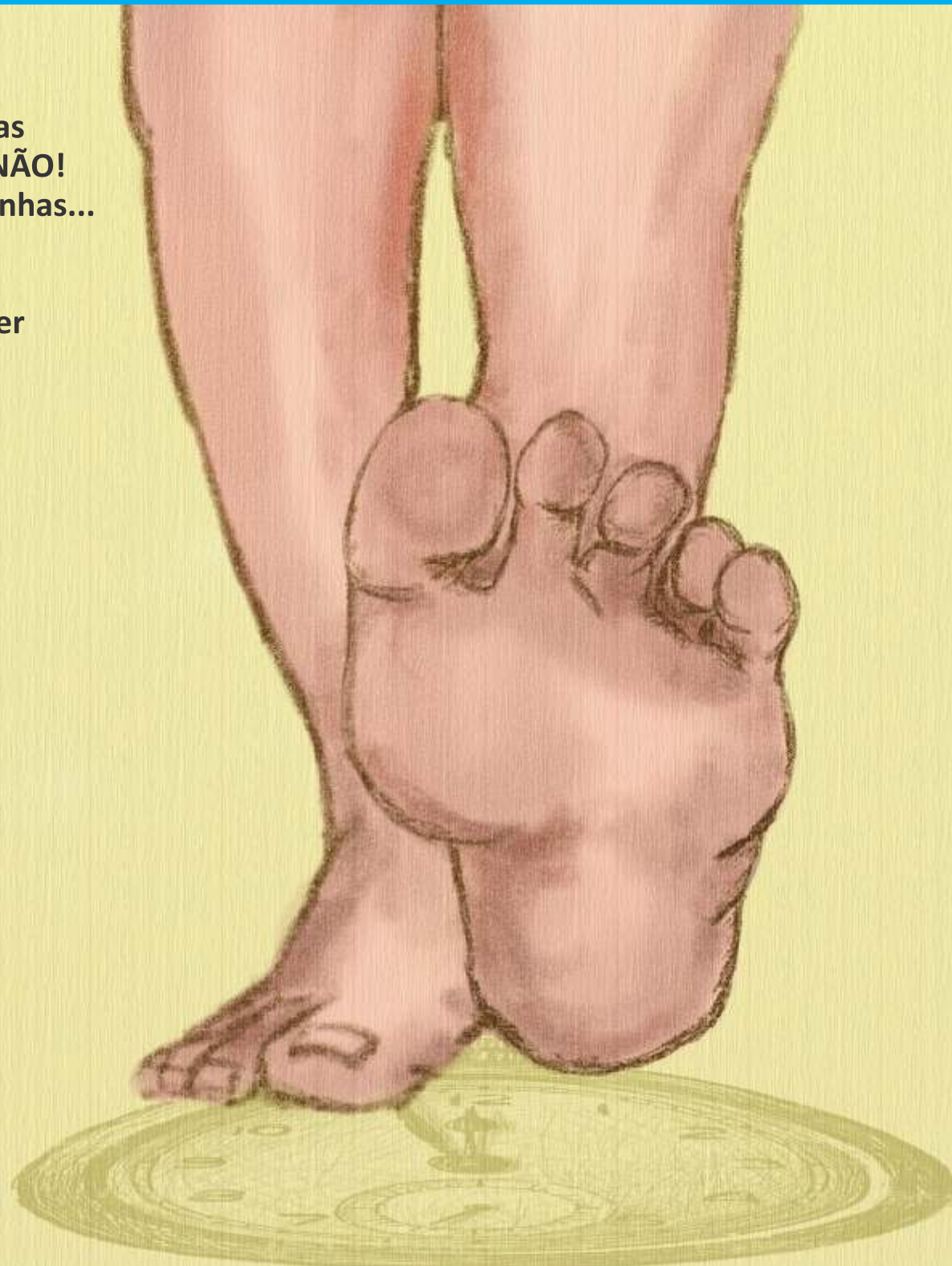
Ler um livro, lição fazer, calcular
A mente no horizonte a se atrever
Beber do mundo e cogitar
Distraído, sonhar e adormecer...

Fatiado, o dia tem uma parte
Mais sensível ao coração
É o gostinho de fazer arte
Voando nas asas da criação

Se sobram horas para internet
Redes, games ou YouTube
Não ser o bobinho num brinquete
Pois o mal há quem adube

Vencendo inércia, timidez
Enxergar quem mais precisa
Escutar, chegará nossa vez
Empatia é suave brisa

- Eu corro pelos dias
E os dias correm de mim
Rezo três Ave-marias
Quando chega o boletim...



DIVIDIR PARA SOMAR

O lar é escola primeira
No aprender a dividir
Tarefas e brincadeira
E de nunca se omitir

Tempos feios
Vacas magras
Menos recheio
Nas bisnagas

Se a fome é muita
E a comida pequena
Gentileza é gratuita
Repartir tudo sem pena

O Mestre calou o ego
Ensinou a multiplicar
Riquezas e luz ao cego
Pobre de quem só guardar

O que temos de sobra, devemos...
A consciência nos cobra: somemos!



A vida passava tranquila
Contudo, passava...
Rápido como quem aniquila
O tempo ruía, avançava

Brinquedos no armário
Outros interesses agora
Um querer quase libertário
De viver o mundo lá fora

Penugens e cravos por todo lado
A voz grossa tal qual radialista
Outrora, criança, ser imaculado
Agora, jovem, de erguida crista

Tudo posso, tudo quero, tudo sei
No passado fiquem os velhos
Com conselhos que desprezei
Não metam seus bedelhos

O mundo de fora ensina
Desafia e prega peça
Bendiz ou maldiz a sina
De quem caminha ou tropeça

E o primeiro vento que arrasta
Me faz sonhar com o ninho
Tem dor que a alma vergasta:
- Mãe, posso buscar seu carinho?



A VELHA ESTAÇÃO

Tempo, tempo, tempo,
Vamos dar ao tempo, tempo
Tempo, tempo, tempo,
O tempo, ao tempo, vamos dar

Agitador de toda a poeira
Entope as ruas das lembranças
Plenas ou nuas de brincadeira
Das minhas e suas andanças

Poeira que recobre o balcão
As mesas e vidros do armazém
Os velhos degraus do escalão
Os sujos sapatos no vaivém

Entre apitos, cargas e crespidos
Gente de toda raça, furta-cor
Uns de terno e bem vestidos
Outros, labutando, com suor

O boticário tem amarga poção
Promete curar toda dor
A velha oferece rosa em botão
Garantindo de volta o amor

Confessa o engraxate
- Quero ser maquinista;
- Talvez após o biscate ...
Encoraja o plantonista

O andarilho esmola o pão
Uma viajante benevolente
Põe moeda em sua mão
E culpa a sociedade doente

A moça esconde seu pranto
Despede-se do noivo a partir
A sereia o seduziu com o canto
Ele quer enriquecer e investir

Viúvas desconsoladas
Políticos, milicos, pepitas
Padres, fazendeiros, enxadas
Mães desoladas, aflitas

Crianças pisando os calhaus
Quicá arquitetos do futuro
Homens do bem ou do mal
Fazedores de pontes e muros

Quanta gente chegou
Tanta gente partiu
Pelos trilhos voou
O tempo que repartiu



O VELHO MENINO E O JOVEM POETA

Torres, paredes e muro
Protegendo o velho de rugas
Que escondido vislumbra o futuro
Apesar de sofrer com as rugas

Reside nele inquieto menino
Que se esconde na mente madura
A vida lhe impôs as peias e o tino
E dessa carga nem sempre se cura

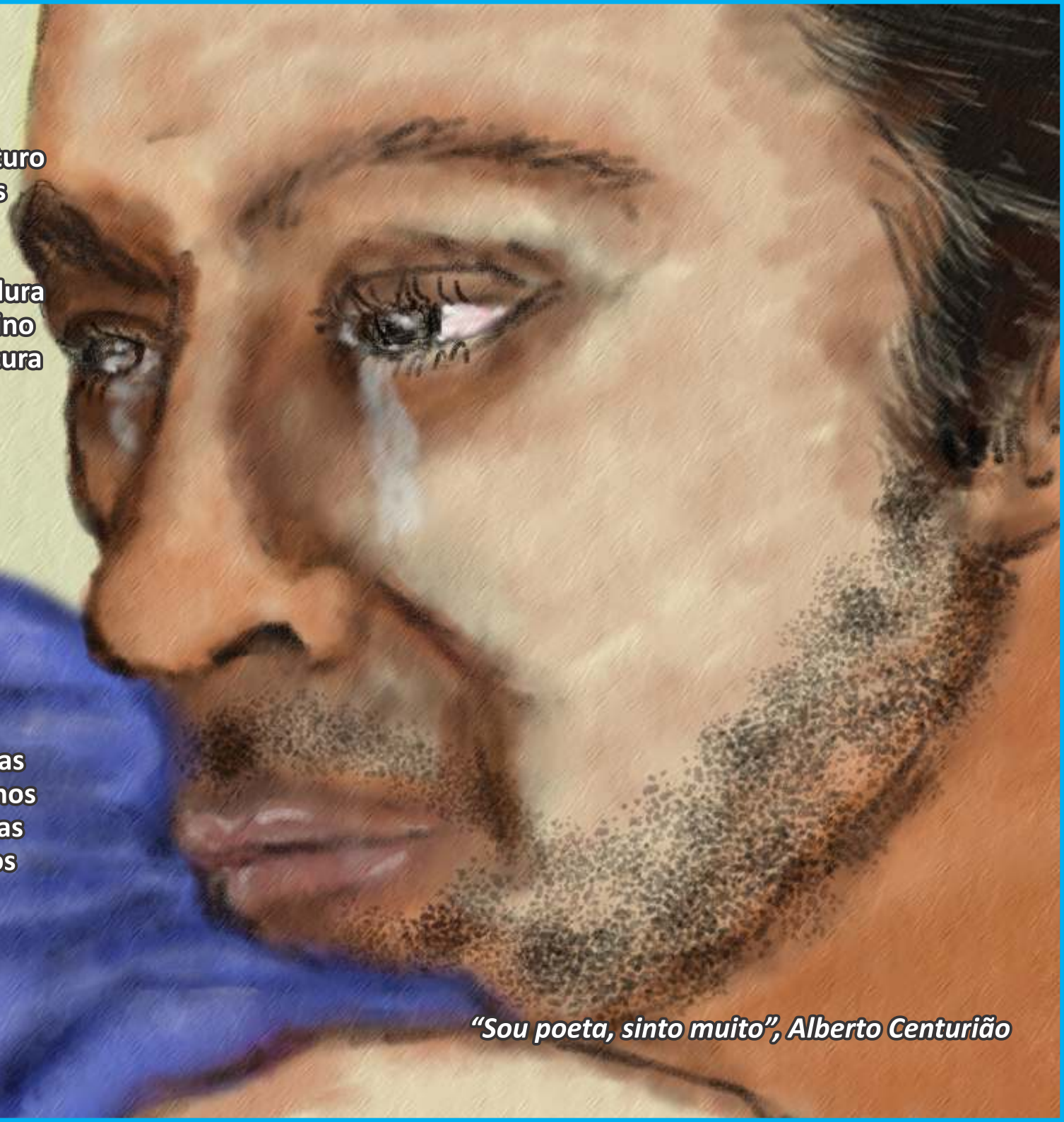
Nos poemas mal traçados
Rima tacanha, métrica torta
Sentimentos são lançados
- Seria essa sua porta?

Atravessa as lembranças
Pauta em linhas mal descritas
A sorte de suas andanças
Ingênuas vivências prescritas

É cavalheiro enfrentando os dias
Como Quixote com seus moinhos
O tempo, o vento, ondas bravias
Desarquivando seus escaninhos

Na meia idade, ainda menino
No jogo das palavras, criança
"No rodapé, tímido, assino
- O poema é cria ou herança?"

"Sou poeta, sinto muito", Alberto Centurião



O TEMPO E O PERDÃO

O tempo, com seu jeito,
Traz a verdade à tona;
Ainda que doa no peito,
O beijo de encontro à lona.

O tempo desfaz mistérios,
Revela o que a noite esconde;
Pobre ou senhor de impérios,
Pela desdita responde.

E se o erro é vil e incomum,
De maldade sinistra;
Não há desmando algum,
Que apague o que se registra.

A dor que se inflige ao outro,
Na memória do tempo perdura,
E o arrependimento, não pouco,
Assombra a infeliz criatura.

E aquele de mais consciência,
Outrora da vingança - o refém...
Na retina do tempo, em essência,
Enxerga, perdoa, amém!

Água limpa de rio
Bebe do amor que é puro
Flui em poesia e no cio
Derruba qualquer muro

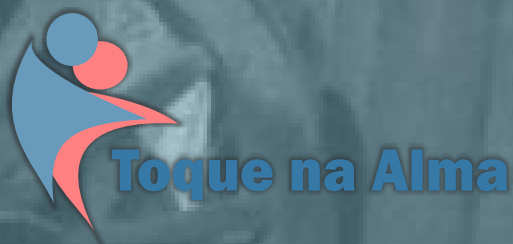
____|#####|____
O TEMPO É PONTE /// *QUE VENCE A DISTÂNCIA*
____|#####|____

Poetar pede passagem e constância

Nem sou bem poeta
Pudera um ilustrador
Só aprendiz de esteta
Das belezas, admirador

Esse fazer não tem freio
Cabe a si, leitor paciente
O papel crítico de esteio
Ao artista inexperiente

Um homem ainda menino
Recém-nascido poeta
No ziguezague do destino
Com memórias na gaveta



Quando a garganta aperta
Qual a ferramenta certa?
Trabalho duro? burrel e marreta.
Sutileza? livro, papel e caneta...

